



na vida dessas pessoas. Isso torna emergencial a criação de uma metodologia que possibilite ao surdo o acesso à educação e à sociedade.

**Palavras-chave:** Educação, Educação Inclusiva, Surdo.

## ABSTRACT

*Basing on the special education this study had for objective to verify the degree of deaf children's socialization in education institutions that nail the inclusion. We looked for to also observe the level in that are the teachers that assist those children and which his posture before the use of the language of signs. Because the special education is an education modality that it looks for to promote the development of abilities and children's potentialities and young bearers of some type of special need, it is done necessary that the professionals of the education are prepared intellectual and emotionally to assume that commitment. In this context, the education of deaf subjects is waking up, the last years, a lot of interest of specialists and Brazilian researchers, because the practice of the inclusion is assuming a fundamental paper in those people's life. That turns emergencial the creation of a methodology that makes possible to the deaf the access to the education and the society.*

**Keywords:** Education, Inclusive Education, Deaf.

## RESUMEN

*Basándose en la educación especial de este estudio fue verificar el grado de socialización de los niños sordos en las instituciones educativas*

*que predicán la inclusión. Tratamos de observar también el nivel en el que son maestros que cumplen con estos niños y cuál es su actitud hacia el uso del lenguaje de signos. Dado que la educación especial es una modalidad educativa que busca promover el desarrollo de habilidades y capacidades de los niños y jóvenes con cualquier tipo de necesidad especial, es necesario que los profesionales de la educación están preparados intelectualmente y emocionalmente para asumir ese compromiso. En este contexto, la educación de personas sordas ha despertado en los últimos años, mucho interés de los estudiosos e investigadores brasileños, debido a que la práctica de la inclusión ha asumido un papel clave en sus vidas. Esto hace de urgencia la creación de una metodología que permite el acceso a la educación sorda y la sociedad.*

**Palabras claves:** Educación, Educación Inclusiva, Sordos.

## INTRODUÇÃO

O discurso da educação para todos vem permeando os processos políticos no Brasil há pelo menos meio século. Nas últimas décadas, sobretudo desde 1990, esse discurso se fortaleceu com políticas públicas que garantem o acesso de todos à escola, fazendo nascerem setores que fortalecem a educação de indígenas, de afrodescendentes, a educação em ambiente hospitalar, além do fortalecimento do programa de educação de jovens e adultos. A procura por uma educação democrática é fundamental no que diz respeito ao atendimento das crescentes exigências de uma sociedade que está em processo de renovação. Esse crescente interes-

se levou à elaboração de legislação específica para determinadas áreas, por isso a educação especial vem crescendo e assumindo um importante papel no corpo dessa nova sociedade. No entanto, a democracia na educação só será legitimamente viável, quando todas as pessoas tiverem acesso à informação, ao conhecimento e aos meios necessários para a sua concretização (Pereira, 2005).

O momento de escolher o lugar em que se deseja realizar-se como profissional nem sempre é um momento fácil para um estudante em formação ou que acaba de concluir seus estudos de nível superior, sobretudo quando se trata da formação em educação especial. O leque de demanda é quase sempre superior à oferta de profissionais especializados. A insuficiência de profissionais em educação especial no Brasil ainda é notória, inclusive, e para nós, principalmente, no que diz respeito ao atendimento ao surdo, objeto deste estudo. Isso levou o Governo Federal a desenvolver um grande movimento de formação de professores de Libras – Língua Brasileira de Sinais, além de reconhecer a Língua de Sinais como segunda língua oficial do Brasil. De acordo com o Capítulo II do **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, e segundo o Art. 4º da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 que reza que**

Art. 4º O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais – Libras, como parte integrante dos



gem oralizada para comunicação com os ouvintes.

No entanto, a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 4.024 só aconteceu bem mais tarde, em 1961. Esta lei tornou-se o marco de ações relacionadas à educação especial, pois trouxe em um de seus artigos, o de número 88, que o sujeito, então chamado de excepcional, devia ser enquadrado dentro do sistema geral da educação (Mazzota, 2003).

Somente a partir de 1994, com a Conferência Mundial em Educação Especial de Salamanca, a educação especial deixou de ser vista como caso clínico-patológico. Esta conferência promoveu uma nova orientação à educação no Brasil, que vivenciou momentos distintos

ao longo de sua história referentes a essa prática social de inclusão.

Por assim entendermos o progresso da implantação de uma educação especializada no Brasil, este estudo se insere numa perspectiva de educação inclusiva relativa ao sujeito surdo, e objetiva verificar o alcance do processo de socialização de crianças surdas em instituições educacionais que pregam a inclusão. Tencionamos ainda, de forma complementar às nossas observações, analisar a abrangência da formação dos professores, assim como sua postura no que diz respeito ao ensino e à concepção do que venha a ser língua de sinais.

## CONHECENDO A SURDEZ

Muitas pessoas já devem ter ouvido falar em surdez como falta de capacidade auditiva ou diminuição da capacidade de ouvir de um indivíduo. Contudo, para compreendermos melhor a surdez e suas consequências, é necessário entendermos um pouco mais sobre o processo de audição do ser humano, que aqui tocaremos brevemente.

Para perceber e compreender os diferentes tipos de sons dos ambientes, é necessário utilizar três estruturas fisiológicas que funcionam de forma ajustada e harmônica, uma vez que o ouvido humano é composto por três partes: uma parte externa e as outras duas internas, que estão localizadas dentro da caixa craniana.

A parte externa compreende o pavilhão auricular ou orelha, o conduto auditivo e a membrana timpânica. Essa parte tem a fun-

ção de receber as ondas sonoras, captadas pela orelha e levá-las até a membrana timpânica ou tímpano, fazendo-a vibrar com a pressão das ondas sonoras. Essa membrana timpânica é responsável por separar o ouvido externo do ouvido médio.

O martelo, a bigorna e o estribo são ossos muito pequenos e estão localizados no ouvido médio. Esses ossos são presos por músculos, tendo a função de colaborar no transporte das ondas sonoras, movendo-se para frente e para trás. Ainda no ouvido médio está localizada a tuba auditiva, que liga o ouvido à garganta.

É no ouvido interno que estão situados a cóclea, os canais semicirculares e o nervo auditivo. É nessa parte do ouvido que ocorre a percepção do som. A cóclea é formada por células ciliadas, estruturas nervosas, que convertem as vibrações em impulsos elétricos que serão enviados ao nervo auditivo e de lá para os centros auditivos do cérebro. Qualquer alteração nesse processo, independentemente de causa, constitui uma alteração auditiva, podendo causar no indivíduo uma diminuição da capacidade de ouvir ou perceber e compreender os sons (MEC, 2006).

A surdez pode ser considerada como uma perda auditiva que pode variar muito em termos de intensidade e de frequência sonora (Lazarini; Camargo, 2006).

A audição normal corresponde à habilidade de detecção de sons até 20 dB N.A. (decibéis, nível de audição). A surdez pode variar segundo alguns tipos: a condutiva é aquela em que há qualquer interferência, minimamente que seja, na transmissão do som desde o conduto auditivo externo até o ouvido interno,

**Por assim entendermos o progresso da implantação de uma educação especializada no Brasil, este estudo se insere numa perspectiva de educação inclusiva relativa ao sujeito surdo, e objetiva verificar o alcance do processo de socialização de crianças surdas em instituições educacionais que pregam a inclusão.**

# ESPAÇO ABERTO

a cóclea. O ouvido interno não é estimulado pela vibração sonora, mesmo tendo sua capacidade de funcionamento considerada normal. As causas mais apontadas para esse tipo de surdez podem ser classificadas como presença de corpos estranhos no conduto auditivo externo, otites, perfurações na membrana timpânica, obstrução da tuba auditiva, entre outras. Esse tipo de surdez pode ser corrigido por meio de tratamento clínico ou cirúrgico.

Outro tipo de surdez de que se tem estudo é o sensorio-neural. A surdez sensorio-neural ocorre quando há uma impossibilidade da recepção do som em decorrência de lesões das células ciliadas da cóclea ou do nervo auditivo. A diferença entre as lesões causadas nas células ciliadas e no nervo auditivo só pode ser percebida por intermédio de métodos especiais de avaliação auditiva. Esse tipo de surdez decorre principalmente de causas pré-natais, de origens hereditárias e de origens não hereditárias (infecções maternas por rubéola, herpes, alcoolismo, irradiações); de causas perinatais, como a prematuridade e/ou baixo peso ao nascimento, trauma no parto e como causas pós-natais, tais quais infecções (meningite, sarampo, caxumba), drogas ototóxicas, perdas auditivas induzidas por ruído, entre outras.

O tipo de surdez mista ocorre quando há uma alteração na condução do som até o órgão terminal sensorial associada a uma lesão do órgão sensorial ou do nervo auditivo. Há, ainda, a surdez central, também chamada Disfunção Auditiva Central – DAC, caracterizada não pela apresentação de diminuição auditiva, mas por diferentes estados

de dificuldade na compreensão das informações sonoras. Em geral é decorrente de alguma alteração nos mecanismos de processamentos da informação sonora no sistema nervoso central (Gomes, 2007).

Segundo Couto (1985, *apud* Dorziat, 2004), a surdez ainda possui outra classificação. A surdez leve, caso de pessoas consideradas distraídas e desatentas, compreende uma perda auditiva de 20 a 40 dB. A surdez média ou moderada é aquela em que a pessoa, para compreender a fala, necessita que a voz seja forte, principalmente em ambientes ruidosos, e a perda fica entre 40 e 70 dB. As pessoas que só percebem a voz muito forte e reconhecem apenas alguns ruídos familiares possuem uma perda que pode variar de 70 a 90 dB. Nesse último caso diz-se que são portadoras de uma surdez severa. Por fim, a surdez profunda, que apresenta perda acima de 90 dB. Essas pessoas não possuem informações auditivas, o que as impede de identificarem a voz humana.

## EDUCAÇÃO DO SURDO

Por quase toda a Idade Média acreditou-se que o sujeito surdo não fosse um ser educável, ou seja, o surdo foi visto durante muito tempo como um indivíduo incapaz, um ser imbecil. Foi somente no início do século XVI que se passou a acreditar que o surdo pudesse aprender sem nenhuma interferência milagrosa ou sobrenatural. Então, começam a surgir relatos de diversos procedimentos utilizados para se trabalhar com essas pessoas. Esses procedimentos visavam desenvolver seu pensamento de maneira a fazê-los se comunicarem

com o mundo ouvinte, ou seja, ensinar-lhes a falar e a compreender a fala, pois a comunicação oral era considerada o único meio de enquadrá-los na sociedade.

Na tentativa de se educar o surdo, a escrita desempenhava um papel fundamental, tanto quanto a fala. Foram utilizados ensinamentos baseados em leitura-escrita para instrumentalizar diferentes técnicas e buscar desenvolver habilidades ainda não contempladas dos surdos, como a leitura labial e a articulação de algumas palavras.

A partir daí se pode perceber evidentemente a presença da metodologia oralista na educação do sujeito surdo. Esse método contava com um acordo sobre a conveniência de o surdo aprender a falar a língua dos ouvintes da sociedade em que estavam inseridos. Para os que defendiam esse método, era necessário que os surdos conseguissem superar sua deficiência, ou seja, que aprendessem a falar e que não se comportassem como surdos. Impuseram-lhes a oralização para que os surdos passassem a ser aceitos socialmente; no entanto o que se observou foi exatamente o contrário. Uma imensa maioria de surdos ficou à parte de qualquer perspectiva educacional; além dessa exclusão evidente, eram-lhes tolhidas quaisquer oportunidades de integração e desenvolvimento social.

Um segundo grupo, os gestualistas, visualizava a situação dos surdos de forma diferente. Eles compreenderam as dificuldades desses sujeitos com as línguas faladas e perceberam que a linguagem que era utilizada pelos surdos era eficaz para a comunicação e lhes ajudaria na aquisição de conhecimentos. Estas são duas orientações

pertinentes à educação de sujeitos surdos que mantêm divergências até os dias atuais (MEC, 2006).

Em meio a esse contexto, surgiu o ensino proposto por Ponce de Leon, um monge que vivia isolado em um monastério onde não se usavam as palavras para a comunicação e, sim, gestos desenvolvidos no próprio monastério. Ao monge de Leon foi delegada a educação de dois irmãos surdos, provenientes de uma família de quatro filhos surdos. Esses, por sua vez, desenvolveram, entre si, uma linguagem bem peculiar e que não utilizava a gramática espanhola como base (Gomes, 2007).

O trabalho desenvolvido por de Leon alcançou resultados tão surpreendentes que chamou a atenção do abade Charles Michel de l'Epée. O abade, a partir da observação de grupos surdos constatou que esse tipo de comunicação desenvolvida por eles era apoiada num canal visogestual e passou então a observar suas características linguísticas. Por meio dessa linguagem gestual, de l'Epée desenvolveu um método de ensino que aproximava os sinais da língua francesa, denominado "sinais metódicos". A partir dessa nova proposta, os professores deveriam aprender os sinais para se comunicarem com os alunos surdos e, então, ensinar-lhes a língua falada e escrita. De l'Epée via a linguagem de sinais como a língua natural dos surdos e como a forma mais adequada para desenvolver seu pensamento e sua comunicação.

Em 1880 foi realizado em Milão o II Congresso Internacional, que teve uma repercussão gigantesca no tocante à educação dos surdos do mundo inteiro. O evento, preparado por uma maioria oralis-

**O objetivo da educação bilíngue é o desenvolvimento cognitivo-linguístico da criança surda, de forma que ela possa conviver harmoniosamente com os ouvintes, tendo acesso às duas línguas, a de sinais e a oral, da comunidade em que se encontra (Lacerda, 1998).**

ta, tinha o objetivo de fortalecer a oralidade, mantendo a tradição da educação oralista. Ao final do congresso, a decisão tomada foi que a linguagem gestual fosse banida da educação dos surdos e o oralismo foi o referencial assumido. Assim, as práticas educacionais vinculadas a ele foram amplamente desenvolvidas e divulgadas (MEC, 2006).

A partir dos anos 70, a visível insatisfação com o método oralista deu origem ao estudo de novas técnicas pedagógicas e ganhou força uma tendência conhecida como comunicação total. A comunicação total é uma proposta flexível no uso de meios para a realização da comunicação. Segundo Ciccone (1990), a filosofia da comunicação total possui uma maneira de entender o surdo e não procurar considerá-lo como o portador de uma patologia. Ao contrário, a comunicação total pro-

cura ver o surdo como uma pessoa comum com características específicas. Essa proposta caracteriza-se basicamente pela aceitação de diversos recursos comunicativos com o objetivo essencial de promover a comunicação (Dorziat, 1999).

Para alguns autores, como Brito e Ferreira (1993), a comunicação total elimina o reconhecimento das línguas de sinais, porque artificializa a comunicação e se perdem de vista as implicações sociais da surdez, levando, assim, a língua de sinais a um mero papel de auxílio no ensino da fala.

Somente a partir de discussões dessa natureza, surge uma metodologia que reconhece a língua de sinais em sua totalidade e importância, o bilinguismo. O objetivo da educação bilíngue é o desenvolvimento cognitivo-linguístico da criança surda, de forma que ela possa conviver harmoniosamente com os ouvintes, tendo acesso às duas línguas, a de sinais e a oral, da comunidade em que se encontra (Lacerda, 1998).

## ASPECTOS LEGAIS NA EDUCAÇÃO DO SURDO

Com o objetivo de discutir a grande necessidade de se reorganizar o ensino fundamental, pretendendo melhorar a qualidade do ensino em nosso país e como forma de contribuir para uma nova discussão sobre a educação cujos elementos fundamentais sejam a escola, o educando, os pais e a comunidade, dando origem a uma transformação positiva no sistema educacional brasileiro, foram criados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Esses parâmetros foram elaborados respeitando-se



mesmo modo que o aluno ouvinte não transformará sinais sonoros em sinais escritos. São formas de manifestação da comunicação diferentes. Essa “metodologia por trás” deve ser trazida à frente do processo a fim de que se possa pensar um meio de mais proveitosamente se adaptarem surdos e ouvintes num mesmo ambiente.

Pensando assim, o professor precisa estar preparado para atender o desenvolvimento de seu aluno, seu ritmo de aprendizagem e ter clareza de seu papel de educador, o que não se fará necessariamente pela aprendizagem da língua de sinais pelo professor. Mais que decorar e saber utilizar os sinais, esse professor deve compreender a história do surdo, suas restrições sociais, familiares e as formas de educação a que sempre foram submetidos. Agindo assim, o professor cumpre seu papel de educador sensível e atento ao aluno e pronto a contribuir para seu resgate social e educacional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo objetivou realizar uma análise sobre a surdez e a educação de alunos surdos. Nossas investigações nos levaram desde cedo a perceber a dificuldade de se traçarem estratégias pedagógicas que alcancem resultados satisfatórios e sustentáveis, uma vez que ainda há uma grande lacuna no que concerne à qualificação dos profissionais da educação no nosso país. Muito se tem feito, é verdade, mas muito ainda resta a conquistar no que tange à educação especial em nosso país.

É de fundamental importância que aconteça uma reflexão acerca

do ensino direcionado para alunos surdos, uma vez que os professores têm uma grande dificuldade em aceitar a língua de sinais como primeira língua desses alunos. A educação bilíngue precisa fazer parte da realidade da educação no Brasil, pois somente dessa forma poderemos incluir de verdade o surdo em salas de aula e ter um retorno positivo. Esse retorno estará sem-

**A educação bilíngue precisa fazer parte da realidade da educação no Brasil, pois somente dessa forma poderemos incluir de verdade o surdo em salas de aula e ter um retorno positivo. Esse retorno estará sempre vinculado ao esforço conjunto escola-sociedade-família para que seja criada no aluno surdo sua autonomia comunicacional. Não se justifica que o fato de eles serem “diferentes” os obrigue a se adequarem ao mundo ouvinte.**

pre vinculado ao esforço conjunto escola-sociedade-família para que seja criada no aluno surdo sua autonomia comunicacional. Não se justifica que o fato de eles serem “diferentes” os obrigue a se adequarem ao mundo ouvinte.

As discussões apresentadas neste trabalho nos levam a algumas reflexões acerca da educação/escolarização do sujeito surdo e de sua inclusão em escolas regulares. Que entendemos no Brasil por educação inclusiva? Podemos afirmar com segurança que a inclusão de alunos portadores de alguma deficiência é real? Se toda inclusão prenuncia uma exclusão inerente, será que nossos alunos surdos são contemplados a contento pela educação inclusiva? Como estão sendo formados nossos professores para apreender essa inclusão prevista pelo MEC?

Questões como estas e outras tantas que aqui não contemplamos ainda precisam de respostas basilares, fincadas sobre resultados que não teremos antes da próxima década, quando as formações estiverem solidificadas no Brasil.

Acreditamos, entretanto, que enquanto persistir a visão de surdez como “deficiência”, haverá desvalorização e exclusão desse grupo de pessoas da sociedade. É imperativo que se respeitem as diferenças, mas que se criem cada dia mais oportunidades de permeamento social entre todos os indivíduos, independentemente de sua condição física. Enquanto a educação dos surdos for tratada como acompanhamento terapêutico, esses sujeitos não serão vistos pelo potencial que possuem.

